

Um olhar sobre a disciplinarização do hospital a partir de “Microfísica do Poder” de Michel Foucault.

Adriana Gerlandia Ferreira Pinheiro⁽¹⁾; Tássio Ricelly Pinto de Farias⁽²⁾.

⁽¹⁾ Graduanda do Curso de Direito; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: drinagerla@gmail.com.

⁽²⁾ Mestre em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN); Professor nos cursos de Direito e Pedagogia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: tassioricelly@gmail.com (Orientador do trabalho).

RESUMO: Michel Foucault entende que o poder não deve ser considerado apenas em seu aspecto global, pois ele também atua na sociedade de forma periférica e não tem função somente repressiva. O autor ainda admite que o controle social não é exercido apenas através de um órgão central, soberano; mas, que existem múltiplas formas de exercício de poder ou “micropoderes” que atuam em rede no interior das relações sociais. A partir de uma pesquisa bibliográfica realizada principalmente em “*Microfísica do Poder*”, este trabalho pretende mostrar como as técnicas de controle e dominação foram utilizadas no processo de reorganização do hospital, promovendo, assim, um efeito positivo em todo o seu sistema. Isso porque antes do século XVIII a função médica não fazia parte da rotina hospitalar, pois esse ambiente era destinado apenas para assistência aos pobres, servindo, também, como importante instrumento de exclusão. As técnicas disciplinares, que caracterizam o que Foucault chamou de “poder disciplinar”, foram um dos elementos que tiveram fundamental relevância no processo de reestruturação do hospital. Essas técnicas consistiriam, basicamente, na organização externa e interna do espaço, na individualização dos doentes, na tomada de poder pelo médico e no registro contínuo e quase exaustivo de toda a ação médica realizada sobre o doente e a doença. Nesse sentido, foi possível perceber claramente o aspecto positivo desse processo de disciplinarização hospitalar, pois esses mecanismos foram imprescindíveis para a transformação do hospital em uma instituição realmente terapêutica.

Termos de indexação: poder; transformação; terapêutica.

anos de idade, vítima de complicações causadas pela Aids. Foucault era natural de uma família de médicos; porém, tinha uma enorme curiosidade a respeito da existência humana, chegando a diplomar-se em Filosofia e Psicologia. Atualmente, é considerado um dos mais influentes pensadores da contemporaneidade, pois suas obras não se limitam a um único campo do saber.

As pesquisas realizadas por esse grande filósofo trouxeram relevantes contribuições para as mais diversas áreas do conhecimento, entre as quais podemos citar a Sociologia, a Filosofia, a Medicina, a Antropologia, etc. Todo aquele que se propõe a adentrar no universo intelectual de Michel Foucault mergulha em um mar de conhecimento tão profundo, que delimitar a abordagem do estudo torna-se algo não somente necessário, mas extremamente urgente.

Nesse sentido, voltamos o nosso olhar para um dos aspectos que envolvem a questão do poder na obra foucaultiana, que é a disciplina, a qual se concretiza pela utilização de técnicas disciplinares. Foucault (2015, p. 179) define a disciplina como “uma técnica de exercício de poder que foi, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII”.

A nossa abordagem, contudo, não se volta para os ambientes onde é mais perceptível a atuação desse poder disciplinar, como a prisão, a escola ou mesmo a família. A proposta é mostrar como essa disciplina começou a fazer parte da rotina dos hospitais, principalmente a partir do século XVIII, e foi utilizada como um dos instrumentos necessários à própria reorganização do sistema hospitalar, o que exemplifica claramente a concepção trazida por Foucault de que também existe positividade no exercício do poder ou, melhor dizendo, dos micropoderes sociais.

INTRODUÇÃO

Paul-Michel Foucault nasceu na pequena cidade francesa de Poitiers, em 15 de outubro de 1926, e faleceu em 26 de junho de 1984, aos 57

MATERIAL E MÉTODOS

A sociedade humana é permeada por diversas relações entre indivíduos, nas quais se entrelaçam elementos como cultura e poder. Dentre as inúmeras contribuições trazidas por Michel

Foucault ao longo de toda a sua obra, a que diz respeito à atuação do poder na sociedade representa uma verdadeira herança para a humanidade.

Ao tratar do aparecimento de uma nova mecânica social, que ele chamou de poder disciplinar, o filósofo francês admitiu que no interior de cada instituição existem práticas disciplinares que têm por objetivo exercer controle e dominação, principalmente sobre os corpos dos indivíduos.

Contudo, no exercício desse poder disciplinar existe um aspecto positivo. Garcia (1988, p. 59), ao fazer uma leitura sobre poder e disciplina em Foucault, aponta que “a aplicação do poder disciplinar acaba sempre produzindo habilidades, sendo, portanto, um poder produtivo. Ele se impõe pela sugestão”.

Nesse sentido, ao nos voltarmos para o ambiente hospitalar, procuramos delinear o papel dos mecanismos disciplinares que, mesmo sendo instrumentos de dominação, também se materializaram em um dos elementos imprescindíveis à reorganização de toda sua estrutura.

Como procedimento metodológico, realizamos uma pesquisa bibliográfica a partir das obras *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir*, utilizando ainda outras fontes bibliográficas, como artigos científicos e sites biográficos.

Acreditamos que a realização desse trabalho se justifica pela enorme importância que tem a obra de Michel Foucault para as discussões que envolvem as muitas formas de exercício do poder, admitindo, também, que dessa atuação surgem efeitos que são positivos e necessários para toda organização social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em outubro de 1974, no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Foucault realiza conferências tratando sobre o “Nascimento da Medicina Social e do Hospital”. Ao abordar especificamente a questão do “Nascimento do Hospital”, o grande pensador francês vai trazer importantes considerações sobre as relações de poder nas instituições sociais, especificamente no que diz respeito à utilização das técnicas disciplinares no ambiente hospitalar.

É somente no final do século XVIII que o hospital pode ser entendido como um lugar de terapia, de cura do doente. Antes disso, a instituição hospitalar servia apenas como um ambiente onde se abrigavam os pobres, servindo, ao mesmo tempo, de ponto de assistência e de exclusão. Era necessário prestar assistência

material e espiritual àquele que estava prestes a morrer, como também mantê-lo longe do convívio social para que não infectasse os outros. O hospital era, nesse sentido, apenas um “morredouro” para os pobres, um lugar onde a função médica não existia.

É por volta de 1780 que a Europa promove uma série de “viagens-inquérito” (principalmente Howard, inglês, com aptidão quase sociomédica e Tenon, médico francês) com a finalidade principal de, a partir das descrições funcionais trazidas dos hospitais existentes, definir um programa de reforma e reconstrução do sistema hospitalar. Ao enviar Tenon para percorrer aos mais diversos países europeus para verificar *in loco* as condições de existência dos hospitais, a Academia de Ciências francesa partiu da seguinte ideia: “São os hospitais existentes que devem se pronunciar sobre os méritos e defeitos do novo hospital” (FOUCAULT, 2015, p. 172).

Até então, nem o hospital era medicalizado nem a medicina era hospitalar. O processo de transformação da realidade hospitalar, no sentido de torná-lo um ambiente terapêutico, não partiu de uma intervenção médica sobre o doente ou sobre a doença, e ocorreu inicialmente nos hospitais marítimos e militares. O que se procurou fazer, de imediato, foi acabar com as desordens existentes no interior do espaço hospitalar marítimo.

As desordens existiam em dois sentidos: as doenças que o próprio hospital poderia provocar nas pessoas lá internadas e a desordem do tipo socioeconômica, que era bem comum no hospital marítimo, que na França era alvo estratégico para a realização de tráfico de mercadorias. Para escapar da fiscalização, os traficantes se fingiam de doentes e eram levados ao hospital, o que fez com que o primeiro regulamento hospitalar surgido ainda no século XVII tenha tratado do seu controle e fiscalização.

Nos hospitais militares, que por sua vez também serviram como ponto de partida para a reorganização hospitalar, um aspecto importante a ser considerado foi o “preço do indivíduo”. A nova sociedade mercantilista, principalmente com o surgimento do fuzil, exigia do exército um soldado que fosse mais tecnicamente treinado, o que não era feito sem grandes custos. Conforme assinala Foucault (2015, p. 178), “para se aprender a manejar um fuzil será preciso exercício, manobra, adestramento”.

Assim, percebe-se claramente que a reorganização do hospital marítimo e militar não se deu pela intervenção de técnicas de medicalização do doente, mas, sim, através do exercício de uma tecnologia específica de poder chamada de “disciplina”. O próprio Foucault admite que as técnicas disciplinares existiam

desde a Idade Média; contudo, em estado isolado, esfacelado. O aperfeiçoamento do poder disciplinar foi, para o estudioso francês, a grande invenção do século XVIII:

Os mecanismos disciplinares são, portanto, antigos, mas existiam em estado isolado, fragmentado, até os séculos XVII e XVIII, quando o poder disciplinar foi aperfeiçoado como uma nova técnica de gestão dos homens [...] (FOUCAULT, 2015, p. 180).

A partir do século XVIII, então, são introduzidos mecanismos disciplinares em ambientes como o militar e o escolar, por exemplo, que consistem basicamente em: distribuição espacial dos indivíduos de forma controlada, para que seja possível a máxima eficácia das atividades desenvolvidas por eles; controle, não sobre o resultado da ação, mas antes sobre o desenvolvimento da própria ação; vigilância constante e registro contínuo das atividades e comportamentos individuais.

A introdução dessas técnicas disciplinares também no interior do ambiente hospitalar irá garantir o seu controle e a sua medicalização. Uma função importante desse exercício de poder é, segundo Foucault (2015, p. 184), “assegurar o esquadramento, a vigilância, a disciplinarização do mundo confuso do doente e da doença [...]”. Há também, nesse momento, uma intervenção do médico em todo o ambiente que circunda a doença, como a água, o ar, temperatura, etc., com o objetivo de curar o doente.

É importante destacar as principais características desse processo de disciplinarização do hospital. O primeiro diz respeito ao que foi considerada uma das primeiras preocupações: o espaço que o hospital deveria ocupar dentro da cidade, pois era preciso garantir que a sua localização não comprometesse as políticas sanitárias que envolviam a população. Nesse sentido, também a organização espacial interna foi estabelecida, havendo a individualização dos leitos que antes acomodavam até seis pessoas. Com essas medidas ficava mais fácil exercer controle sobre o doente e a doença e, ao mesmo tempo, garantir que as outras pessoas não fossem contaminadas.

Outro aspecto igualmente importante foi a “tomada de poder pelo médico”, pois até meados do século XVIII quem detinha o controle do hospital eram as pessoas religiosas, que prestavam assistência aos internados e só chamavam um médico esporadicamente, para o mais doente entre os doentes. Esse poder médico e disciplinar vai controlar toda a rotina hospitalar nesse novo modelo de hospital terapêutico.

Inclusive nos regulamentos desse novo hospital, já era quase ritualizada a intervenção médica:

[...] que o médico deve ser anunciado por uma sineta, que a enfermeira deve estar na porta com um caderno nas mãos e deve acompanhar o médico quando ele entrar etc. (FOUCAULT, 2015, p. 187)

O registro permanente de todas as informações referentes ao doente, como a sua identificação, entradas e saídas, receitas despachadas, etc., são também mecanismos utilizados nesse novo sistema hospitalar, em que o acúmulo de informações não será utilizado somente como um instrumento de cura.

Através desses registros quase que exaustivos que eram realizados em torno do doente e da doença, acumulava-se um enorme volume de material teórico que foi muito importante para a própria prática médica. É tanto que entre 1780-90 já se admite que a formação normativa de um médico deva, necessariamente, passar pelo hospital. Todas essas medidas de controle e disciplinarização, portanto, irão garantir a transformação do hospital em um ambiente realmente terapêutico.

Para Foucault o poder não está concentrado apenas em um órgão central, e também não é completamente explicado quando é caracterizado somente do ponto de vista negativo, cuja função é sempre repressiva; é preciso também considerar o seu aspecto positivo. Nesse sentido, o objetivo básico do poder

[...] não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controla-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades (MACHADO, 2015, p. 20).

Esse aspecto positivo do exercício de poder se entrelaça com a concepção de que os micropoderes sociais também constituem um elemento essencial para o funcionamento da sociedade. O adestramento e o controle dos indivíduos devem ser pensados, nesse sentido, como prática que garante a própria evolução da sociedade, e isso através da atuação do poder, que, de acordo com Souza (2011, p. 111), “deve ser pensado também a partir de seu positivo, como produtor, transformador”.

Diante dessa sucinta exposição sobre o processo de disciplinarização do hospital, ficam bem patentes as ideias foucaultianas das variadas

formas de exercício de poder, bem como da positividade existente em seu exercício.

Ao observarmos todo o percurso histórico do sistema hospitalar, compreendemos o quanto as técnicas utilizadas para controle e dominação do doente e da doença no hospital representaram um importante instrumento para sua transformação em uma instituição de terapia. Vale ainda ressaltar que toda essa disciplinarização também proporcionou a formação de um saber médico-hospitalar que foi sendo aperfeiçoado através de observações, anotações e todos os mecanismos de disciplina que foram sendo introduzidos no dia a dia do hospital.

CONCLUSÕES

A realização desta pesquisa proporcionou (aos sujeitos envolvidos) um novo horizonte de compreensão acerca do poder e das suas relações na sociedade, especialmente no que se refere à atuação do poder disciplinar.

Mesmo levando em consideração a advertência trazida por Roberto Machado, de que a análise sobre o poder trazida por Foucault é fruto de investigações “delimitadas”, entende-se que é bastante perceptível a existência de práticas de dominação ou micropoderes nas mais variadas instituições sociais da atualidade.

Compreende-se que a utilização das técnicas disciplinares se mostrou imprescindível ao ambiente hospitalar – na medida em que foi um dos instrumentos utilizados para a transformação do hospital em uma instituição terapêutica.

Assinala-se também a ideia de que o poder – ou “micropoder” – se exerce em regiões bem periféricas da sociedade, e que muitas formas utilizadas para o seu exercício têm função não repressiva, mas, pelo contrário, são instrumentos necessários à própria gestão da vida social, como se verificou claramente no contexto hospitalar.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. [Organização e tradução de Robert Machado]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GARCIA, L. B. dos R. A ideologia e o poder disciplinar como formas de dominação. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 11, 1988, p. 53-59. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/trans/v11/v11a07.pdf> > Acesso em: 08 nov. 2015.

MACHADO, R. Introdução *In.*: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. [Organização e tradução de Robert Machado]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

SOUZA, W. L. Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 4, n. 2, 2011, p. 103-2014. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/3160/2911> > Acesso em: 08 nov. 2015.

Notas sobre a educação a partir da filosofia de Theodor W. Adorno⁽¹⁾

Antônio Lisboa Fernandes Júnior⁽²⁾; Rafaella Katriny Oliveira Rêgo⁽³⁾; Aline Mayara Fernandes de Oliveira⁽⁴⁾; Nina Rachel de Oliveira⁽⁵⁾; Tássio Ricelly Pinto de Farias⁽⁶⁾

⁽¹⁾ Trabalho executado com recursos da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. Orientador: Prof. Me. Tássio Ricelly Pinto de Farias;

⁽²⁾ Graduado e Mestre em Geofísica (UFRN); Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros/RN; E-mail: antljunior@hotmail.com;

⁽³⁾ Graduada em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo). Aluno do curso de Direito; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros/RN; E-mail: jornalistakatriny@gmail.com;

⁽⁴⁾ Aluna do curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros/RN; E-mail: alinemayaraif@gmail.com;

⁽⁵⁾ Aluna do curso de Administração; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros/RN; E-mail: nracheloliveira@gmail.com.

⁽⁶⁾ Mestre em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN); Professor nos cursos de Direito e Pedagogia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: tassioricelly@gmail.com (Orientador do trabalho).

RESUMO: Este texto aborda os aspectos gerais utilizados pelo filósofo Theodor W. Adorno para caracterizar a educação moderna. Descreve-se sucintamente como ela se apresenta, evoluída dos moldes dos ideais iluministas modernos e repassada nos dias atuais de um modo frustrado, que não logrou bem o que pregava em seu cerne. Do que se pensava na evolução do homem a partir da evolução do conhecimento científico para torná-lo livre e promover o progresso, se passou a valorizar o cientificismo com ênfase na produção de bens em um mundo capitalista, que transformou o indivíduo em um ser dependente, que apenas repete algo que lhe foi repassado tecnicamente, o que é refletido por toda a sociedade. Em contrapartida, Adorno mostra que a educação ideal seria aquela que promove o desenvolvimento crítico dos agentes sociais, tornando-os emancipados e livres da ameaça da barbárie. Adorno nos remete a um olhar mais crítico acerca do modo como a educação é aplicada nos dias atuais, sendo que se pode, inclusive, notar que do seu tempo até os dias atuais segue-se uma linha lógica de desenvolvimento, que, no entanto, não pode ser dito totalmente racional. As seguintes linhas põem em “xeque” a educação como a conhecemos.

Termos de indexação: Emancipação. Semiformação. Barbárie.

INTRODUÇÃO

Pensar a educação é uma tarefa hercúlea. Independente da tendência pedagógica que oriente tal reflexão, tem-se sempre um ideal a alcançar: a *formação humana*. Durante os

períodos Clássico e Medieval, “[...] a ética prevaleceu como matriz paradigmática da formação humana” (SEVERINO, 2006, p. 621). Na Modernidade, a política exerceu este papel de norteadora da prática pedagógica. Entretanto, qual tem sido a matriz paradigmática orientadora da educação hoje? Na concepção de Severino (2006, p. 621), quando se fala em educação “[...] para além de qualquer processo de qualificação técnica, o que está em pauta [...] é a] formação de uma personalidade integral”.

O filósofo alemão Theodor W. Adorno, nos escritos reunidos na coletânea intitulada *Educação e Emancipação*, põe em questão a condição da educação no mundo contemporâneo, além de fazer duras críticas à educação alemã de sua época. Adorno nasceu em Frankfurt, Alemanha, em 1903, cidade onde se graduou em filosofia. Em Viena, estudou composição musical com Alban Berg, um dos destaques da revolução musical alemã no século XX. Theodor Adorno também se aproximou da sociologia, ao fazer parte do ciclo de pensadores marxistas denominado *Escola de Frankfurt*. Em seus escritos o autor revela a influência adquirida das leituras do psicanalista Sigmund Freud, além de pensadores alemães como Hegel, Weber e Nietzsche.

Este breve ensaio foi motivado pelo contato com alguns escritos do pensador alemão Theodor W. Adorno acerca da educação. Este teórico via na educação (mais especificamente a alemã) de sua época a reprodução de certas tendências sociais que chamou – em consonância com as ideias de Freud – ‘anticivilizatórias’.

Segundo Adorno, o papel da educação deve estar focado na emancipação do indivíduo, evitando, desta forma, o que ele chama de “barbárie”, entendida como predisposição à padronização das consciências. O modelo

educacional moderno – que segue os rumos ditados pelo mercado através de ditames que tem origem nas ideias iluministas – é duramente criticado nos escritos de Adorno

MATERIAL E MÉTODOS

O presente escrito consiste no resultado parcial de pesquisas bibliográficas e documentais acerca do pensamento do filósofo alemão Theodor W. Adorno. Metodologicamente, trata-se de um esforço teórico que teve o intuito de resgatar a leitura de textos clássicos das ciências sociais e humanas que abordam a educação. Nesse sentido, o que leitor tem em mãos não é uma tentativa sistemática e/ou empírica de demonstração da realidade, mas sim o resultado de reflexões filosóficas acerca da condição na qual se encontra a educação hoje.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filósofo Theodor Adorno entende que a sociedade evoluiu no estado técnico de civilização, e não no estado humano, o que nos rediz que temos uma civilização tecnicista, uma sociedade onde cada indivíduo é educado para reproduzir um movimento produtivista, sendo apenas parte de uma engrenagem da máquina econômica da qual é totalmente dependente. As estruturas sociais estão intimamente ligadas ao modo de produção capitalista com a finalidade de obter lucro, inclusive na educação, e isso faz com que esta se afaste do que seria o seu objetivo principal: formar seres humanos dotados de conhecimento pleno com alta capacidade de reflexão. Segundo Adorno, as escolas e a sociedade estão formando cidadãos orientados para uma “semiformação”, o conhecimento se tornou uma mercadoria pedagógica. O indivíduo não é nada além de uma peça substituível por uma melhor, grosso modo, um ser genérico. Ele se tornou “coisificado”, não evoluindo para si, como pregava o esclarecimento moderno na premissa da racionalidade instrumental. Logo, não há independência do ser. Assim, esse tipo de educação não torna o indivíduo livre da ameaça intrínseca da barbárie. A educação para a autonomia que Adorno propõe, se distancia desta reprodução tecnicista e focaliza no aspecto produtivo da vida humana, favorecendo a formação de sujeitos críticos e emancipados.

“Adorno propõe uma dialética sem síntese, uma vez que a “negação da negação, é a afirmação” (OLIVEIRA, 2009, p. 39, destaque do autor). Neste ponto, é evidente que o filósofo não apoia o totalitarismo em esfera alguma, nem no poder, nem na filosofia. Ele nota que a educação

não oferece a concretização da autonomia do sujeito, pois os sujeitos estão presos às estruturas sociais, sendo passíveis a essa realidade e reproduzindo sempre “mais do mesmo”, o que a caracteriza como a Educação da semiformação.

Notando mais a fundo no que tange à barbárie humana, na coletânea *Educação e Emancipação*, Theodor Adorno destaca que este elemento destrutivo é contemporâneo à origem da civilização, estando oculta no íntimo da humanidade, em sua essência, mesmo que bem escondida. Nestas linhas, Adorno descreve com propriedade a função de uma educação emancipadora: impedir que Auschwitz se repita (ADORNO, 2012). Este, que foi o maior dos campos de concentração construídos pelos nazistas, afim de exterminar os judeus e grupos considerados “antissociais” como ciganos, homossexuais e mendigos. Foi o auge da barbárie humana Alemã, que possuía uma cultura, até então, tida como uma das mais intelectualmente evoluídas da humanidade. Estima-se que milhões de pessoas tenham sido mortas durante o período nazista e 1 milhão em Auschwitz. “Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação” (ADORNO, 2012, p. 119).

Adorno não quer que isso seja esquecido e principalmente que este fato lamentável volte a acontecer. Ele destaca que a indústria cultural é um fator preponderante que impede o ser humano de agir com liberdade moral e intelectual. Percebe-se que muitos educadores não fazem menção ao episódio do Holocausto, pois uma simples referência a ele é motivo de repulsa e desonra. Porém, Adorno explica que questioná-lo é a maneira mais viável de impedir sua repetição.

Essa semiformação hoje reproduzida está voltada para o fato de o homem não refletir sobre a realidade e aceitar pacificamente as imposições da indústria cultural como sendo inerentes ao mundo em que vive, levando-o a uma “alienação consciente”, tanto intelectual como moral e material, sendo facilmente levado a fazer o que for mais conveniente.

É mister lembrar que, o termo *indústria cultural* foi desenvolvido por Adorno (em parceria com Max Horkheimer) na tentativa de estabelecer certa distinção entre aquilo que era produzido “pelas” massas, e aquilo que era produzido “para” as massas. De forma prática, a indústria cultura seria uma espécie de “propaganda do mundo”; mecanismo de reprodução do *status quo*.

Adorno defende “a produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2012, p.141, destaque nosso) através da educação, não essa

educação já posta, mas um aprendizado que leve o ser humano a reconhecer suas relações sociais de forma crítica e autônoma, formando assim uma sociedade educada para a resistência e emancipação.

CONCLUSÕES

A educação é um tema de grande importância, pois influencia diretamente todo o modo de pensar e de agir dos indivíduos. Assim, o vínculo que une a educação à cultura é muito forte, na verdade um influencia o outro reciprocamente. O apanhado bibliográfico do filósofo Adorno permite refletir sobre a educação do passado e sobre como chegamos à educação de hoje, que se encontra desviada do seu fulcro original que seria a emancipação do indivíduo. Essa educação da “semiformação” é ainda criticada por outros, como Bauman (2011), que fala que a educação sempre teve momentos onde são necessárias mudanças, que são efetivadas no tempo, contudo, a educação atual é ímpar! Ela enfrenta uma crise sem precedentes, logo, segue os rumos do mundo líquido moderno, onde nada tem valor sem que tenha utilidade; onde não se encaram relações a longo prazo: tudo deve seguir um rumo dinâmico onde nada é para sempre. Neste ponto os dois filósofos são claros: se gera aí um ser humano “coisificado”. Este homem coisificado é aquele que age mais por impulso do que por reflexão; mais pelo instinto do que pela razão. E esse modo de agir se torna ainda mais nocivo em meio às imposições da indústria cultural, que pregam que o indivíduo feliz é aquele que tem poder de compra, e mais do que isto, este poder de compra deve ser o gatilho para que tudo seja descartável ou trocável em tempo hábil por algo mais atual. Assim se vive em um círculo vicioso em que todos os bens de consumo ficam obsoletos em pouco tempo e o indivíduo que não continua nesta carreira desvairada de aquisição e troca de bens não se encaixa, não faz parte, não tem valor. Tais comportamentos se refletem no modo de agir, por isto Adorno aponta para o risco de uma nova barbárie da raça humana, caso uma educação emancipadora não seja empregada em nossa sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP) pela estrutura disponibilizada para a realização dos encontros do *Ateliê de Ciências Sociais e Humanas*, projeto que favoreceu a concretização deste escrito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

OLIVEIRA, P. C. de. Educação e Emancipação: reflexões a partir da filosofia de Theodor Adorno. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, v.1, n.1, p. 37-44, 2009. Disponível em: < http://www.theoria.com.br/edicao0109/Educacao_e_Amancipacao.pdf > Acesso em: 02 de nov. 2015.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez, 2006. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28030/29828> > Acesso em: 02 nov. 2015.

Vulnerabilidade e risco: reflexões sobre o mundo do trabalho a partir de Richard Sennett.

Ermom Pereira de Moura⁽¹⁾; Carlindo Dias da Silva⁽²⁾.

⁽¹⁾Aluno do Curso de Direito; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; Pau dos Ferros/RN; E-mail: ermom.pereira@hotmail.com.

⁽²⁾Aluno do Curso de Direito; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; Pau dos Ferros/RN; E-mail: carlindo2005@gmail.com

RESUMO: O capítulo “Risco”, do livro *corrosão do caráter de Richard Sennett*, aborda a temática de uma pessoa de vida tranquila, estável, de meia idade, que até então não tinha enfrentado dificuldade na vida, por motivos familiares ela resolve mudar de vida, trocando a vida de dona de bar por um emprego no grande mundo publicitário. Foi aí que ela se deu conta de que o desafio que ela tinha enfrentado era bem maior que esperava, teve dificuldade de acostumar-se com cobranças imediatistas, pessoas insensatas, avaliações momentâneas e relações interpessoais, tudo isso em um tempo frenético que o prazo é curto e a competição é acirrada, com um agravante ela passa por uma crise existencial, (a crise da meia-idade que tende a ocorrer entre 40 e 60 anos de idade). Pessoas de meia-idade não tem tempo de errar, o mundo pós-moderno não perde tempo, até mesmo as pessoas são descartáveis no mundo líquido moderno, as pessoas cada vez mais cedo vão perdendo o valor pra sociedade, um jovem de 35 anos de vida, já encontra dificuldades pra entrar no mercado de trabalho. O capítulo deste livro *A corrosão do caráter, de Richard Sennett*; mostra que a experiência de vida não tem valor algum para o mercado de trabalho, até mesmo nas relações de amizade.

Termos de indexação: Emprego. Meia-idade. Dificuldades e vida.

INTRODUÇÃO

O presente texto mostra que a vida dos grandes centros não é fácil, a cidade de Nova York mostra-se uma verdadeira selva de pedra, com pessoas sendo escravas do tempo em uma correria frenética contra o tempo, onde o que mais ver-se repetir é “tempo é dinheiro, posso não ter tempo pra viver, mas pra ganhar dinheiro não posso perder tempo”.

Segundo Bauman (2010) o consumismo de hoje não consiste em acumular objetos, mas em seu gozo descartável. Sendo assim, por que o “pacote de conhecimentos” adquiridos na universidade deveria escapar dessa regra

universal? No turbilhão de mudanças, é muito mais atraente o conhecimento criado para usar e jogar fora, o conhecimento pronto para utilização e eliminação instantâneas, o tipo de conhecimento prometido pelos programas de computador que entram e saem das prateleiras das lojas num ritmo cada vez mais acelerado.

Com intuito de mostrar com clareza os riscos e a vulnerabilidade que caracterizam o modo de vida do indivíduo pós-moderno é que se optou por realizar uma pesquisa bibliográfica, tendo como principal suporte teórico a obra *A corrosão do caráter*, de Richard Sennett, dando-se maior enfoque ao capítulo cinco, “Risco” que trata da vulnerabilidade das pessoas, no mercado de trabalho, no mundo pós-moderno.

O risco e a vulnerabilidade que se submeteu Rose em busca de uma mudança de vida.

O *Trout* era um bar localizado em um meio subterrâneo, na cidade de Nova York, não era um lugar que possamos dizer que era atraente, pois a visão que tinha do subterrâneo era apenas os tornozelos e sapatos de diversos estilos e cores, mas quem visitava este estabelecimento não eram observadores, e nem muito menos interessados em moda dos pés, tinha um público bem específico, a clientela mais sedentária da cidade, as pessoas não tão bem sucedidas em suas profissões, de média idade e despojada, seus clientes não davam a devida importância à saúde e a balança.

O *Trout* era o reino de Rose, para ela e seus fregueses era um mundo ideal, ela escolheu o caminho mais seguro e o bar correspondeu suas expectativas. Sem muitos aprontes, as comidas e as bebidas do *Trout* sempre eram as mesmas, não tinha nem como saber se o pessoal estava satisfeito, pois não tinha conversa, as pessoas iam àquele bar para ficarem a sós, sem culpa afogavam todos os problemas e esqueciam os fracassos do dia-dia.

A verdadeira personalidade escondia-se por trás dessa fachada. Bufaria de escárnio se eu algum dia lhe dissesse

que ela era sensível e inteligente. Mas seu problema era que não se dava muito valor servindo café e bebidas aos atores fracassados, escritores cansados e comerciantes rubicundos do bairro. Teve a necessária crise de meia-idade. (SENNETT, 1999, p. 90).

Por motivos familiares Rose (proprietária) começa a pensa em deixar o bar. Há tempos atrás ela tinha conhecido pesquisadores de uma agência de publicidade especializada em bebidas, que tinha divulgações em revistas de luxo. Convidaram-na para uma experiência de dois anos de contrato, para trabalhar com eles na revitalização de bebidas fortes que andava em baixa. De pronto, ela aceitou o desafio. Era um desafio mesmo, um mundo completamente diferente, Rose estava prestes a se perder nele. “Um publicitário da cidade certa vez me disse que só há quinhentas pessoas importantes de fato no ramo da publicidade de Nova York, porque estão em evidência e visíveis; os milhares de outros que dão duros nos escritórios habitam uma espécie de Sibéria”. (SENNETT, 1999, p. 91).

Com medo de que não desse certo sua nova vida, Rose não se desfez do seu bar, apenas o arrendou. O Trout sofreu percas com a saída dela da administração. Mudanças significativas aconteceram com a nova proprietária, os fregueses logo perceberam. As janelas nas quais se via os tornozelos e calçados, já não dava para ver nada, tinham sido tomadas por plantas em vasos, as comidas que eram servidas antigamente tinha mudado, ganhou um toque refinado, saudável dito pela inovadora arrendatária. As mudanças não foram aprovadas pela freguesia, logo começaram a pedir a volta de Rose.

Enquanto o martírio dos clientes do bar de Rose aumentava, ela não se achava na cidade de cima (no mundo da publicidade), o choque de cultura foi o que fez ela pensar em desistir de sua nova vida, as avaliações diárias da empresa de publicidade lhe incomodavam um pouco, uma observação que ela tinha feito no tempo do bar era a seguinte:

As bem-sucedidas na publicidade não são necessariamente as mais ambiciosas, uma vez que todos o são. Os realmente bem-sucedidos parecem os mais capazes de se afastar do desastre, deixando que outros segurem a barra; o sucesso consiste em evitar o balanço do contador. O segredo é: não deixar que nada se grude na gente. (SENNETT, 1999, p. 92).

As decepções na empresa de publicidade iam se acumulando dia após dia, como boa observadora que é Rose percebeu que sua idade

era motivo de certo preconceito no ramo da publicidade, e nos meios empregatício na cidade de cima (Nova York). Pessoas de meia-idade como são consideradas como “madeira morta”; tudo estava parecendo com se fosse um teste de alta carga do caráter.

A sociedade super evoluída, burocrática, super-rápida, prazo cada vez mais curto e onde o futuro é hoje, proporcionou-lhe um risco grave, Rose uma pessoa controladora do seu tempo e de sua vida, já estava passando uma crise da meia-idade ao ser posta a uma sociedade que busca desregula o tempo e o espaço.

“Se a negação da experiência fosse simplesmente um preconceito imposto, nós de meia-idade seríamos simplesmente vítimas do culto institucional da juventude. Mas a apreensão com o tempo está gravado mais fundo em nós. A passagem dos anos parece esvaziar-nos. Nossa experiência parece uma citação vergonhosa. Essas convicções põem em risco nosso senso de valor pessoal, mais pela inexorável passagem do tempo do que pela decisão de jogar.” (SENNETT, 1999, p. 115).

Rose voltou ao seu reinado no *Trout Bar*, não durou muito, só passou um ano na cidade alta. Para seu prazer de viver, foi muito comemorada sua volta pelos seus fies fregueses. Em conversa Rose confessa que não gostou da experiência vivida na parte bacana da cidade. Rose morreu de câncer no pulmão, algum tempo depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa dos problemas enfrentados por Rose nos faz pensar em um problema realmente presente em nossa sociedade, não se trata apenas de “crise de meia idade”, apesar de em alguns casos, comecem com isso, mas de uma triste realidade, e que todos irão enfrentar um dia, a “velhice”. As pessoas quando começam a envelhecer estão expostas a vários riscos sociais, tais como a exclusão social, a falta de relacionamento interpessoal, o baixo poder de alto estima, a exclusão dos postos de trabalho, os novos arranjos familiares, entre outros, proporcionando uma diversidade de problemas, sejam sociais, familiares ou de saúde.

Vimos que Rose tentou quebrar um paradigma, e pagou caro, decepcionou-se com as pessoas, com o novo tipo de emprego, e com o mundo dito civilizado, que a descriminou por ser uma pessoa de meia-idade e estava em um ambiente atípico do seu tempo contemporâneo; aprofundou-se na crise da meia idade que lhe fez retornar a vida de antes, o entretencimento culminou na sua morte, vítima de um câncer de

pulmão, doença ligada ao meio de vida que ela vivia.

Essa talvez seja a razão pela qual o objetivo de uma "vida boa" tenha sido ao longo dos séculos, algo tão evasivo, e as imagens de uma vida ideal sejam tão mutáveis. De mais a mais, isso também sugere que uma vida inquestionavelmente "boa", "perfeitamente boa", sem necessidade de correções e melhoras, é algo inatingível. Nossas ideias de vida boa ("melhor") tendem a se inspirar nas faltas e insuficiências sentidas de maneira mais dolorosa naquele determinado momento difícil. O exemplo de Rose nos deixa uma certeza, todos temos um pouco das vulnerabilidades de Rose.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.

SENNET, R. **A Corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999

Notas sobre as novas configurações do capitalismo flexível a partir de “A Corrosão do Caráter”.

Francisco Eriosvaldo de Oliveira Diniz⁽¹⁾; Vicente de Paula Fernandes⁽²⁾; Maria Nayara Carvalho⁽³⁾; Vanessa Karla da Silva⁽⁴⁾; Tássio Ricelly Pinto de Farias⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ Graduando do Curso de Direito; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: eriosvaldodiniz@gmail.com.

⁽²⁾ Graduando em Letras Português/Inglês; (UERN); Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: dpaulaf@hotmail.com.

⁽³⁾ Graduanda do Curso de Direito; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: nayaracarvalho37@hotmail.com.

⁽⁴⁾ Graduanda do Curso de Direito; Faculdade Evolução do Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: vanessakarla.fdes@hotmail.com.

⁽⁵⁾ Mestre em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN); Professor nos cursos de Direito e Pedagogia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar; Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte; E-mail: tassioricelly@gmail.com (Orientador do trabalho).

RESUMO: Na obra *A corrosão do caráter*, Richard Sennett versa sobre o capitalismo contemporâneo, a flexibilização no mundo do trabalho, a competitividade, bem como a busca pelo “sucesso” profissional que corroem os valores éticos e qualquer forma de conduta ética nos tempos hodiernos. Ele explica como esse modelo econômico social provocou nas pessoas uma angústia, colocando a prova o próprio senso de risco pessoal. Sennett mostra as consequências pessoais no cenário capitalista, especificamente no capítulo 4, onde é feita uma pesquisa na sociedade americana sobre seu comportamento social e constata que o desemprego estrutural é proveniente do capitalismo flexível, em que homens são substituídos por tecnologias contemporâneas da época que é implementada com uma proposta de ampliar a produtividade da mão de obra.

Palavras-chave: ilegível, flexível, máquinas e risco.

INTRODUÇÃO

O texto vem abordar dois períodos de uma padaria e seus personagens, na primeira fase a padaria da cidade de Boston o desperdício é pouco com o trabalho artesanal e especializado, para os padeiros o bom trabalhador significava bom grego e com essa expressão fica perceptível a valorização da etnia bem como os valores familiares e o valor de pertencer a coletividade o preconceito racial e sexual é muito forte.

Após 25 anos, muda-se a administração da padaria e com isso vem os novos valores; organização flexível, tecnologia, a chegada de novos trabalhadores não especializados, ou seja, desqualificados para a função de padeiro, a presença feminina, raças diversas, horários flexíveis, trabalhos temporários e a falta do

conceito de carreira e futuro incerto e a extinção dos sindicatos. A chegada das máquinas diante do orgulho que as pessoas tinham em desempenhar profissões, que tinham sua profissão advinda de heranças de família:

[...] O que é realmente novo é que, na padaria, percebi um paradoxo. Neste local de trabalho high-tech, flexível, onde tudo é fácil de usar, os empregados se sentem pessoalmente degradados pela maneira como trabalham. Nesse paraíso do padeiro, tal reação ao trabalho é uma coisa que eles próprios não entendem. Operacionalmente, tudo é muito claro; emocionalmente, muito ilegível (SENNETT, 1999, p.79).

As classes eram divididas por raça ou profissões onde os negros eram tidos como preguiçosos e sujos e na contrapartida os brancos eram tidos como homens com boa posição social e bem-sucedidos de classe alta exercendo as profissões de médicos, advogados, administradores. Reforça Sennett (1999, p. 76): “[...] Classes nos Estados unidos tendem a ser interpretada como uma questão de caráter pessoal”. É supervalorizada a classe social, bem mais que a posição financeira e quantidade de bens. Os trabalhadores se orgulhavam de pertencer a classe média que refletia diretamente em como as pessoas eram vistas perante a sociedade que se relacionava com a etnia, havia sempre uma etnia a se sobrepôr a outra. Com o passar do tempo é percebido as mulheres entrando no mercado de trabalho, os negros com muita dificuldade, sendo reconhecidos na sociedade e ganhando respeito e espaço no mercado de trabalho começando a romper as correntes que os prendem ao preconceito desacerbado.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente escrito consiste no resultado parcial de pesquisas bibliográficas e documentais acerca do pensamento Richard Sennett sociólogo e historiador norte-americano, professor da London School of Economics, do Massachusetts Institute of Technology e da New York University. Richard Sennett reflete sobre como os sujeitos podem se tornar intérpretes competentes da própria existência, mesmo diante dos obstáculos que a sociedade oferece.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A nova padaria causou uma grande instabilidade nas nossas formas de relação da época. Com a nova composição do quadro de funcionários da padaria que incluía mulheres e a pluralidade racial. Mesmo com tantas mudanças os trabalhadores continuavam se definindo como classe média. O capitalismo flexível substituiu homens por máquinas de última geração, aumentando consideravelmente a produção em massa, sem a perda da qualidade dos produtos objetivando as relações dos trabalhadores apenas em funções.

Essas novas máquinas tornavam totalmente dependente os proletários, transformando sua mão de obra em apenas energia para alimentar o capitalismo flexível. As relações vistas de perspectivas passadas se confundem e começam a se perder, os trabalhadores tornam-se indiferentes pois perderam a honra, descaracterizando a satisfação de exercer determinadas profissões.

[...] Como consequência de trabalhar dessa forma, os padeiros não mais sabem de fato como fazer pão. O pão automatizado não é nenhuma maravilha de perfeição tecnológica; as máquinas muitas vezes contam uma história diferente dos pães que crescem lá dentro, por exemplo, não avaliando com precisão a força do fermento, ou a verdadeira cor da biscoita. Os trabalhadores podem exercer na tela para corrigir um pouco tais defeitos; o que não podem é consertar as máquinas, ou, o mais importante, fazer de fato o pão por exemplo por controle manual quando elas, demasiadas vezes, pifam. Trabalhadores dependentes de programas, eles também não podem ter conhecimento prático. O trabalho não é mais legível para eles no sentido de entender o que estão fazendo (SENNETT, 1999, p. 80).

Acabam se confundindo e começando a não entender o que estão fazendo, tendo unicamente

como referência padrão à máquina. Ao se depararem com a quebra dessas máquinas e seus defeitos, o impulso é de enfrentar os problemas, no entanto se deparam com a complexidade, sentindo-se frustrados e recuam por não entender essa complexidade tecnológica. Sua única ação é de esperar a assistência técnica, assim o trabalhador não é mais legível, pois não entende o que está fazendo.

Segundo Sennett descreve, quanto às ideias Marxistas:

[...] Os próprios trabalhadores deviam ser alienados por essa perda de qualificação, deviam ficar furiosos com as condições assombrosas do local de trabalho (SENNETT, 1999, p. 81).

Nesse sentido, *A corrosão do caráter* nos traz efetivamente, no tocante ao sentimento de ilegitimidade de que trata a literatura em análise, a anestesia em não se perceber incomodado com a capacidade que teríamos de entender e mudar uma condição totalmente imposta pela flexibilidade do capital:

[...] Em nossa época, porém, a nova economia política trai esse desejo pessoal de liberdade. A repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem as condições que nos libertam (SENNETT, 1999, p. 54).

No entanto, saindo do campo ideológico para o prático, existiria possibilidades de promover mudanças? Tais mudanças decorrem do novo modelo capitalista, que pontua a flexibilidade, trazendo estruturas de controle e poder mais sutis. Surge então uma das características que corroem o caráter.

Há de se considerar também a superficialidade trazida por essa flexibilidade, provocando uma enorme sensação de insegurança e vulnerabilidade, quando paulatinamente entendemos o sentido de que **não há mais longo prazo**. Este aforismo sintetiza a mensagem mais íntima do livro de Sennett.

Tudo aquilo que é estável ou estruturas rígidas parecem lutar contra a nova forma de capitalismo que vem se moldando, assim organizações altamente burocráticas perdem espaço para as organizações mais flexíveis, as organizações tipo piramidal, ou seja, hierárquica são preteridas por organizações em redes devido a alta flexibilidade.

Diante do novo cenário capitalista, valoriza-se cada vez mais os trabalhos em equipe, em detrimento do trabalho individual. Contrariamente

o capitalismo não flexível dava a possibilidade de organizar o futuro, pois o trabalho era estável e o objetivo primordial era servir a família, as conquistas tinha características acumulativas. Porém, quando se fala em curto prazo, assume-se riscos diante da flexibilidade do trabalho, perde-se a ideia de assumir gradativamente postos fixos na hierarquia das empresas. Com essa ideia de curto prazo no capitalismo flexível Sennett diz que:

[...] Parece excluir que façamos uma narrativa constante de nossos labores, e portanto uma carreira (SENNETT, 1999, p. 146).

O curto prazo para Sennett está ligado a necessidade de adaptar-se constantemente ocultando os valores de fidelidade, confiança e lealdade. O novo capitalismo flexível está moldando a economia e tornando-a mais flexível,

CONCLUSÕES

A realização desta pesquisa proporcionou (aos sujeitos envolvidos) um novo horizonte de compreensão acerca da influência do capitalismo flexível de tal maneira, que torna muito mais clara a compreensão de como se dá o modo de produção atual e como são conduzidas as relações de trabalho e os dilemas que os indivíduos enfrentam hoje. A “corrosão do caráter” aborda de temas atuais, que ocorrem frequentemente no cotidiano contemporâneo levando a uma pertinente reflexão em muitos aspectos, proporcionando entendimento capitalista sobre o caráter humano e as consequências pessoais do trabalho no capitalismo flexível que gira em torno da tese de Richard Sennet.

Portanto, a leitura da obra de Sennett, embora não esgote o problema em questão, oferece certos esclarecimentos quanto às mudanças recentes que conectam os indivíduos em uma rede flexível e incerta. Sennett nos faz pensar a partir de seus questionamentos sobre nossas vidas e a partir desse norte buscar entender e reconstruir e manter os novos laços sociais através desta nova forma de nos relacionar e empreender nossa própria concepção de caráter.

abolindo alguns valores como compromisso e fidelidade por outros, que provocam um relacionamento indiferente e superficial entre os trabalhadores.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP) pela estrutura disponibilizada para a realização dos encontros do *Ateliê de Ciências Sociais e Humanas*, projeto que favoreceu a concretização deste escrito.

REFERÊNCIAS

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 1999.